

— ENTREVISTA —

“É preciso abrir um espaço sério de debate sobre a regionalização”



Freire de Sousa No balanço de três anos na CCDRN, congratula-se por ter “pacificado” a região e lamenta que Rui Moreira não se tenha sentado à mesa do Conselho Regional

Alexandra Figueira
afigueira@jn.pt

Há três anos na presidência da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDRN), Freire de Sousa quer um debate sobre a regionalização após as legislativas. Dos atuais fundos europeus, até ao fim do ano vai lançar a concurso cerca de mil milhões. Para os próximos fundos, entende que as regiões devem gerir dois terços do dinheiro.

A legislatura começou com uma agenda descentralizadora forte. Quatro anos depois, a atuação correspondeu às expectativas?

Essa será a questão relativamente à qual eu tenho mais conflitos de interesses. Sou cidadão, mas fui escolhido por este Governo para a Comissão, devo ter alguma contensão. Da parte dos autarcas, tenho ouvido de tudo: do melhor ao pior. Não diria do melhor... mas enfim, do bom ao muito mau. A descentralização não deveria, na sua essência, ser dissociada da criação de regiões.

Não são mutuamente exclusivas. A descentralização, se devidamente feita e financiada, é potencial-

mente positiva. Mas a regionalização – como me diz um amigo, “consagrar um Portugal de regiões” – é a verdadeira reforma necessária para criar um modelo de funcionamento do país mais eficiente.

As CCDR devem aglutinar competências de direções regionais e, um dia, tornarem-se um órgão técnico de um governo regional?

A metodologia de aproximação sucessiva é muito cautelosa, eu não a adotaria. Mas se as comissões de coordenação têm competências para serem um secretariado de um governo regional, nenhuma dúvida! Seria assassino não aproveitar o centro de racionalidade em que se constituíram.

Na Educação, uma das duas áreas fortes a descentralizar, só 84 dos 278 municípios a aceitaram. O que lhe diz sobre a forma como está a correr?

Que não está criada a unanimidade em torno do assunto.

O Governo prometeu a eleição indireta dos presidentes das CCDR. Não foram. Deviam ser?

Se foi prometido, devia ter acontecido. Mas estou mais confortável com o facto de não ter avançado. A

eleição indireta era aceitável se fosse feita por um colégio eleitoral mais alargado, que não a mera representação autárquica.

O voto universal foi prometido para as Áreas Metropolitanas. Foi um outro impeto reformista que ficou pelo caminho?

Respondo o mesmo: se era uma promessa, sim. Que eu concordasse, não. Não faz sentido consagrar uma dimensão de organização administrativa e política a duas velocidades: as áreas metropolitanas e as regiões.

Eleger os presidentes das áreas metropolitanas serviria para contornar a regionalização?

Tenho ouvido o dr. Eduardo Cabrita defender a regionalização. Gostava que um dia fosse possível uma discussão séria com personalidades a nível nacional que estão a contaminar a discussão, de uma forma populista: António Barreto, Miguel Sousa Tavares, Marques Mendes... Gostava de, um dia, desafiar para uma discussão séria quem condiciona a opinião pública sem argumentos, de uma forma preguiçosa e até antinacional.

E Marcelo Rebelo de Sousa? Foi

uma das vozes da campanha que resultaram no chumbo no referendo e na alteração da Constituição que obriga a um duplo sim...

O presidente da República não se tem pronunciado, veremos o que dirá quando for instado a fazê-lo. Quero crer que terá havido evolução no seu pensamento e que terá uma atitude, no mínimo, aberta a discutir o assunto com base em argumentos sólidos, não populistas.

Que expectativa tem sobre o relatório da Comissão para a Descentralização?

Espero que traduza o que ouvi em várias sessões: que é preciso abrir um espaço sério de debate sobre a regionalização, sem restrições. Há um relatório da OCDE que ajudará a enformar a opinião, que demonstram as vantagens dos países organizados em regiões. Sei o que pensa Joaquim Oliveira Martins, da OCDE. Tenho a expectativa que saia a recomendação que, na primeira fase da próxima legislatura, se consagre tempo para preparar um processo que poderá saldar-se numa abertura para discutir as regiões administrativas.

No Norte 2020, só estão aprova-

dos dois milhões de euros de fundos, dois terços da dotação...

Temos o objetivo, definido a nível central, de comprometer a quase totalidade dos fundos disponíveis até ao final deste ano.

Os programas regionais, geridos pelas CCDR, rondam um terço da dotação, e os temáticos dois terços. Qual deveria ser a distribuição, nos próximos fundos?

Os programas regionais são os que mais contribuem para a harmonia do todo nacional. Para não ser excessivo, dois terços para os regionais e um terço nos temáticos, limitados ao interesse que favorece o todo, geridos a partir do governo

Continuar no cargo após as eleições? “Terei de perceber com que tempo e para fazer o quê”

“A Secretaria de Estado para a Valorização do Interior só poderá ter expressão quando tiver conteúdo financeiro”



IGOR MARTINS / GLOBAL IMAGES

nacional. Mas que não se invente a roda: que não se distribua o programa regional pelas Comunidades Intermunicipais. Esse seria um erro enorme.

Já leva três anos de mandato. O que fez de melhor?

O mais relevante será ter pacificado a região, a todos os níveis, municípios, CIM, universidades, laboratórios de investigação, associações empresariais, etc. Consegui inverter uma tendência de declínio da Comissão enquanto expressão de pensamento regional, que a estava a perder a olhos vistos. Orgulho-me de ter lançado um aviso para Áreas de Acolhimento Empresarial nos concelhos não exportadores, de os autarcas do Alto Tâmega terem criado um centro de valorização e transferência de tecnologia na área da água, com o Politécnico de Bragança, de a reprogramação do Portugal 2020 ter resultado num melhor equilíbrio de dotações, com mais verbas para o investimento territorial e para a ciência...

E o que faria diferente?

Uma das coisas que mais lamento é não ter conseguido, ao longo destes três anos, o que Marçal Grilo dizia: "Difícil é sentá-los". Eu não

consegui sentá-los a todos, sobretudo alguns grandes, da região, e não percebo porquê. Espero que não seja por razões demasiado próprias, de cada um. O caminho de cada um por si é errado. Sou do tempo em que os presidentes de Câmara do Porto ou em redor do Porto articulavam posições sobre a forma de repartir o queijo – como o Fernando Gomes e o Rui Rio.

E Rui Moreira não o faz?

Gosto muito do Rui Moreira do ponto de vista pessoal. Se tivesse que lhe apontar um menor acerto é a dimensão regional. O Rui Moreira definiu um objetivo de "Porto primeiro", o "Porto Ponto" e, sem uma estrutura partidária por trás, talvez não tenha a disponibilidade de tempo e de espírito para questões regionais, que são tratadas de forma canhestra pelo outro lado: os grandes contra os pequenos, o interior contra o litoral. Temos de ultrapassar este discurso. É muito importante que o Porto seja parte do processo, em cima das estruturas que existem. Os conselhos regionais existirem e não serem correspondidos por parte de alguns autarcas, sobretudo de autarcas de maior expressão, é uma das coisas que mais lamento. ●

JN

Jornal de Notícias



**F. C. Porto 2
Getafe 1**
**Fábio Silva
garante
Copa
Ibérica p. 40 e 41**

**V. Guimarães
Aumentar
número
de sócios
é meta de
Pinto Lisboa**

Um passeio em família e ida à missa no dia seguinte à eleição p. 43

Marés Vivas
Sting brilhou sem ofuscar os portuenses Ornatos Violeta p. 32



António Costa perto da maioria absoluta



Socialistas alargam fosso em relação aos sociais-democratas. Bloco consolida terceiro lugar

PAN pode eleger vários deputados no Porto e em Lisboa. Cristas em queda na popularidade **Páginas 6 e 7**

FOGOS PLANEADOS PARA CAUSAR GRANDES DANOS

PJ encontrou artefactos pirotécnicos em zonas da Sertã. População de Macão, desesperada, luta contra as chamas e tenta salvar habitações p. 4 e 5



Incêndios deixaram aldeias isoladas

Porto
Diocese segura padre com filho de nove anos p. 18

Julgamento
Matou mãe à bengalada por recusa de 20 euros p. 14

Impostos
Partidos piscam o olho à classe média p. 12

Entrevista
"É preciso abrir debate sério sobre regionalização"

Defende presidente da CCDRN, Freire de Sousa p. 10 e 11